

ESPÍRITOS NAS ESCOLAS

O cotidiano escolar na visão do educador espírita

© 2011 – Conhecimento Editorial Ltda

Espíritos nas Escolas

O cotidiano escolar na visão do educador espírita

Dalmo Duque dos Santos

Todos os direitos desta edição
reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Caixa Postal 404
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 34510143
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de
gravação – sem permissão, por escrito, do Editor.

Ilustração da Capa: Banco de imagens
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho
Revisão: Mariléa de Castro

ISBN 85-7618-229-0 – 1ª Edição – 2011

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Fone: 19 3451-5440
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Dalmo Duque dos
Espíritos nas Escolas / Dalmo Duque dos Santos –
Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2011.

ISBN 978-85-7618-229-0

1. Espiritismo 2. Espírito 3. Educação 4. Mediunidade 5.
Pensamento I. Santos, Dalmo Duque. II. Título

11

CDD – 133.91

Índices para catálogo sistemático:
1. : Espiritismo : 133.91

Dalmo Duque dos Santos

ESPÍRITOS NAS ESCOLAS

O cotidiano escolar na visão do educador espírita

1ª edição
2011



Do mesmo autor, publicado pela Editora do Conhecimento:

- Nova História do Espiritismo – 2010

Obs: A data após o título se refere à nossa edição.

Aos educadores,

Este ensaio é dedicado especialmente aos professores, colaboração simples de um colega de sala de aula falando de coisas que experimentamos no difícil e exaustivo trabalho cotidiano nas escolas; nós que, já faz algum tempo, descobrimos que os melhores e verdadeiros conselheiros são os nossos próprios alunos...

Sumário

CAPÍTULO 1	
Onde estão os espíritos?.....	9
CAPÍTULO 2	
A cultura espiritual na escola	15
CAPÍTULO 3	
Professor transversor	27
CAPÍTULO 4	
Renascer e ressurgir na escola	34
CAPÍTULO 5	
Sexo, assédio e compromisso	40
CAPÍTULO 6	
Professor, médium e mentor	46
CAPÍTULO 7	
Nosso planeta, nossa escola	53
CAPÍTULO 8	
A escola como espaço mental	66
CAPÍTULO 9	
Ser, o verbo espiritual	89
CAPÍTULO 10	
Professor lucificador	94
BIBLIOGRAFIA	98

Capítulo | 1

Onde estão os espíritos

459 – Os espíritos influem sobre nossos pensamentos e ações?

– A esse respeito, sua influência é maior do que podeis imaginar.

Muitas vezes são eles que vos dirigem.

Allan Kardec – *O Livro dos Espíritos* (1857)

Para ir direto ao assunto: onde está a espiritualidade¹ na escola? Como essa espiritualidade pode ser explorada sem riscos e reverter em auxílio às nossas atividades escolares?

A resposta é bem simples. Se os espíritas frequentam os centros espíritas porque acreditam que ali existe uma escola na qual são alunos e nela existem mentores que protegem, ensinam e educam, por que isso seria diferente nas escolas comuns? É só aplicar o método positivo de Allan Kardec:

- Nas escolas existem espíritos desencarnados?
- Nas escolas podem ocorrer fenômenos espíritas?

¹ Os termos espiritualidade e espiritual aqui são empregados de forma genérica para definir o universo físico e metafísico, os seres inteligentes encarnados e desencarnados, a pluralidade de mundos e planos habitados por eles, bem como as diversas condições mentais ou emocionais em que se encontram.

- Esses fenômenos são regulares, podem ser observados, explicados e divulgados?
- Nas escolas surgem especulações filosóficas acerca desses fenômenos?
- Nas escolas podem ocorrer transformações morais e sociais decorrentes desses questionamentos filosóficos?

Concluindo: a mesma espiritualidade encontrada nos centros espíritas pode ser encontrada nas escolas ou em qualquer ambiente de trabalho. É só consultar os bons manuais de navegação espiritual e constatar que as circunstâncias são semelhantes, os problemas são iguais e as soluções podem ser idênticas.

Em *O Livro dos Espíritos*² constam, entre tantas outras reflexões sobre espiritualidade e ética, algumas questões que versam diretamente sobre a relação entre matéria e espírito, estreitamente ligadas aos nossos propósitos educativos.

Mas foi num ensaio científico do espírito André Luiz³ – *Evolução em Dois Mundos* – psicografado por Chico Xavier, que encontramos uma informação bem ilustrativa desse nosso tema. Trata-se de um comentário sobre as nossas atividades mentais durante o sono e o desprendimento do corpo físico, através da mediunidade espontânea. Nesses casos certamente não ficariam de fora nós os professores, os alunos, os funcionários e os gestores das escolas:

É assim que o lavrador, no repouso físico, retorna, em corpo espiritual, ao campo em que semeia, entrando em contacto com as entidades que amparam a nature-

2 No Capítulo IX “Intervenção dos espíritos no mundo corporal” (por exemplo, nas questões 456, 459, 466); no Capítulo X “Ocupações e missões dos espíritos” (questões 567, 568, 569, e 575 a 580); e na emancipação da alma (Espíritos encarnados, questões de 401 a 404, 414 a 417 e 419).

3 Médico desencarnado no Rio de Janeiro no início do século XX, descreveu pela primeira vez em detalhes impressionantes a vida em algumas colônias espirituais. Essa descrição culta e compatível com a obra conceitual de Allan Kardec foi publicada numa série de livros psicografados pelo médium Chico Xavier.

za; o caçador volta para a floresta; o escultor regressa, frequentemente, no sono, ao bloco de mármore de que aspira a desentranhar a obra-prima; o seareiro do bem volve à leira de serviço em que se lhe desdobra a virtude, e o culpado torna ao local do crime, cada qual recebendo de espíritos afins os estímulos elevados ou degradantes de que se fazem merecedores.

Mas esse nosso retorno mental à escola pode e deve ser desvinculado das características alienadas da mediunidade primitiva para práticas psíquicas mais arrojadas e conscientes. É possível nos prepararmos para encontros treinados e produtivos, nos moldes dos desdobramentos, na qual se pratica o exercício da memorização e maior aproveitamento das informações obtidas no plano espiritual.

É sempre bom lembrar que todos nós somos espíritos e médiuns, em maior ou menor grau; encarnados ou desencarnados, crianças ou jovens, adultos ou idosos, somos os mesmos, com virtudes e defeitos, hábitos e gostos, jeitos e trejeitos. Estamos em toda parte onde existir vida em sociedade, simples e ignorantes ou complexos e cultos, em constante interação de pensamentos, ações e sentimentos. Às vezes mudamos de aparência, mas na essência continuamos sendo as mesmas criaturas; mudamos de ponto de vista sobre algumas coisas da vida, de opinião sobre alguns assuntos desse ou daquele contexto, mas continuamos os mesmos. Só mudamos de fato quando transformamos os nossos sentimentos e atitudes sobre as coisas e as pessoas. Isso realmente nos transforma em outras pessoas, a ponto de não sermos reconhecidos por quem nos conheceu antes. Quem te viu, quem te vê, hein? Não nos identificamos mais com aquela pessoa do passado, pois adquirimos uma nova identidade. Não são aparências ou máscaras,

é mudança real mesmo. No corpo carnal acontecem as mudanças biológicas, transitórias, pelos regimes alimentares, exercícios físicos, rejuvenescimento ou envelhecimento. No corpo espiritual essa mudança é diferente e duradoura: ocorre uma iluminação natural, causada pela mudança nas estruturas do perispírito,⁴ através do brilho dos centros de força (chacras), que são uma espécie de glândulas etéricas de captação e distribuição de energias e que refletem em forma de luz e cores, formando também a nossa aura. Nesse caso o espanto de quem nos vê modificado é redobrado. O problema é que as mudanças reais só acontecem depois de grandes transtornos e perturbações, dores causadas por choques de provas e expiações. Todo espírito encarnado sabe disso, pois traz essa informação guardada no inconsciente, entre a zona de conforto e a zona de perigo. Temos conosco, cada qual com a sua marca, uma equação existencial para ser solucionada em algum momento da vida. Todos nós sabemos que, mais cedo ou mais tarde, esse momento vai chegar, mesmo que não tenhamos uma lembrança consciente dos compromissos que assumimos antes de reencarnar. É para isso que servem as existências e é também por isso que nos matriculamos na escola da vida.

Quem vê ou percebe a presença de espíritos têm dois tipos de sensação: medo e tristeza, quando estes estão estacionados em sofrimento; ou espanto e alegria, quando nos deparamos com entidades iluminadas, felizes, cuja superioridade natural nos causa emoção, como o choro, e o entusiasmo. Poucas pes-

4 Do grego, péri, ao redor. Envoltório semimaterial do espírito. Entre encarnados e desencarnados serve de liame ou intermediário entre o espírito e a matéria. Entre os espíritos errantes constitui o corpo fluídico do espírito. Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*. Vocabulário Espírita. Nota do autor: O perispírito é conhecido desde a Antiguidade, pois as aparições de espíritos sempre existiram e foram alvo de curiosidade e estudo por parte dos seres humanos. Os egípcios chamavam-no de “Kha” e o apóstolo Paulo de “corpo espiritual”.

soas percebem, mas quando recebermos a visita de espíritos apagados, em crise e sofrimento, também temos predisposição em apagar a nossa luz. Quando são espíritos lucificados, inexplicavelmente ficamos imensamente alegres. Até mesmo os animais que estão por perto têm esse tipo de percepção. São situações que não dependem de fórmulas ou amuletos, e muito mais do nosso estado emocional. O pensamento atrai e inicia a ligação; e o sentimento consolida o contato. A espiritualidade está em toda parte, seja como estado de espírito, seja como fenômeno natural. A primeira é muito útil para manter a paz de espírito, a serenidade, a calma. Enfim, a meditação, a imagem e o imaginário da espiritualidade, a oração, são a base da sintonia. A segunda, nessa perspectiva do conflito exterior, também é muito útil, pois é a vigilância, a realidade e o contato direto com os espíritos.

Muitos educadores são crentes naturais, mas uma grande maioria age como Tomé, precisando ver para crer. Daí a nossa ideia de buscar uma espiritualidade mais objetiva e inteligente, fugindo da superstição e do dogma. Essa possibilidade acontece nas experiências de algumas escolas espiritualistas, ainda de forma subjetiva e nebulosa, mas no espiritismo ela ocorre de forma clara, científica e sem o misticismo supersticioso e o véu do mistério. Ao contrário das outras correntes, não falamos com os mortos e sim com os vivos, mais vivos do que nós. espíritos são seres inteligentes e devem ser tratados como tal, sem as marcas obscuras da superstição e da atitude passiva oracular ou advinhatória.

O apóstolo João recomendava aos seus alunos que verificassem se os espíritos eram de Deus, ou seja, se eram bem ou mal intencionados. Isso prova que o contato com a espiritua-

lidade é mais antiga e comum do normalmente se pensa. Também alertava que a nossa relação com eles deve ser de igual para igual, em termos de racionalidade. Espíritos superiores não se ofendem quando são questionados ou colocados em xeque. Pelo contrário, ficam contentes com a nossa espontaneidade e responsabilidade no trato com as coisas da vida. Já os pseudo-sábios ficam ofendidos e deslizam dos questionamentos utilizando expedientes que mexem com as nossas fraquezas: divagações poéticas de mau gosto, profecias absurdas, afirmações incoerentes e, principalmente, as posturas de incentivo ao medo e à superstição, aos rituais e fórmulas mágicas.

A cultura espiritual na escola

Quem não conhece a história da loira do banheiro que, nos anos 70, apavorou toda uma geração de estudantes e que na década seguinte foi substituída pelo saudoso Fred Krugger?

Pois é.... sempre que esse assunto vem à tona nas salas de aula a maioria dos professores e alunos apelam para a razão e rotulam o tema de superstição e bobagem. Mas também sempre aparece alguém que dá um sorrisinho malicioso para lembrar que nem tudo é bobagem e superstição. Ao ser levantada essa hipótese, imediatamente o clima da conversa toma outros rumos diante dos olhares atentos e fisionomias de espanto.

Depois que os filmes de terror foram substituídos por roteiros espíritas, como *O Sexto Sentido* e *Os outros*, as conversas sobre esses assuntos não são mais as mesmas. Depois que o menino que vê gente morta em todos os lugares, principalmente naquela cena em que ele acessa no éter a imagem de antigos moradores enforcados nas vigas do telhado da escola, não sobraram muitos argumentos para os céticos. Nesses instantes alguns alunos, geralmente as meninas, começam a contar suas

experiências “sobrenaturais”, enquanto outros, geralmente meninos, iniciam uma campanha de ridicularização dos relatos. Outros, meninos e meninas, permanecem em silêncio, atentos, como expectadores de um jogo perigoso à espera de um resultado nada previsível. Aí, então, vêm as perguntas fatais:

- O senhor já viu ou conversou com espíritos?
- Qual a sua religião?
- Professor, o senhor acredita em reencarnação?

O professor, acuado entre o dever e o prazer, entre a cautela e a ousadia, olha para a porta da sala, para ver se não está sendo vigiado, e aqueles poucos segundos antes de dar a sua resposta se transformam em anos de dúvidas e incertezas: “Será que devo responder? Devo me omitir? O que devo dizer? Como poderei responder? Qual será a repercussão da minha fala? Quais as consequências do meu ato?

As escolas são lugares tidos como neutros, locais públicos de muitas possibilidades, mas também, por isso mesmo, de muitas proibições. Numa escola, onde naturalmente se estabelece um jogo de poder entre quem educa e quem vai ser educado, quem vai ensinar e quem vai aprender, entre quem vai avançar e quem vai recuar, acaba predominando a lei do mais forte, ideologicamente falando.

Numa escola, ambiente supostamente neutro e público, mesmo que seja escola particular, quem tem conhecimento realmente tem poder. Por isso, nesse ambiente nem tudo que é público deve ser notório; nem tudo que é possível deve ser realizado. Esse é o paradigma dominante; esse é o paradigma que atualmente não deve ser desafiado, mas que pode ser mudado. O

paradigma dominante é o da matéria; e o novo a ser implantado é o do espírito. Tocar no assunto espiritualidade em ambientes neutros talvez seja mais tabu do que em lugares assumidamente contrários ao assunto. Nessas situações a timidez rapidamente se transforma em receio e este deságua fatalmente na omissão. Pronto: lá se foi mais uma oportunidade de falar sobre as coisas que habitualmente não podem ser ditas, mas que a gente tanto gostaria de falar. Como na música de Fátima Guedes, trilha sonora na primeira versão do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, falando de fadas, gnomos e duendes, “São segredos nossos, quisera falar das coisas que não posso...”.

Mesmo que esses ambientes neutros estejam saturados de espiritualidade, no sentido de abundância fenomenal, quando intentamos quebrar o gelo, surge uma reação espontânea que nos alerta sobre os riscos de ousar num território proibido, que já possui domínio e forte tradição conservadora. É o terreno do materialismo, senhor e soberano das meias verdades, onde não há cabimento e sentido para as coisas do espírito. É o conhecido mundo de César, onde não há espaço para o desconhecido mundo de Deus. Aliás, existe sim, desde que seja o pensamento credenciado, institucional e já reconhecido como ideia “oficial”, já contaminada pelas meias verdades. O Deus e o homem da tradição mitológica das religiões antigas são permitidos, pois não representam nenhuma ameaça ao avançado sistema tecnológico. O homem da tradição zoológica darwinista também é permitido nas escolas, mesmo que seja uma ameaça ao sistema dogmático. Isso se faz com uma solução simplista e política: uma coisa é fé e outra coisa é ciência. Separando bem essas duas coisas, não haverá questionamentos nem conflitos... Mas o Deus cósmico de Spinoza

e do universo quântico de Einstein, ou seja, a Mente Universal em constante criação e expansão, ainda é assunto proibido, pois essa quebra de paradigma ainda não foi digerida pelos religiosos, muito menos pelos cientistas de plantão. Falar de um Deus que não seja humano, velho e barbudo, de um universo que não seja mecânico e previsível, de outras dimensões e percepções extrassensoriais que não sejam a dos cinco sentidos, de seres extraterrestres que não sejam anjos ou demônios ou formas esdrúxulas e suas esquisitas espaçonaves da ficção científica, tudo isso nos assusta e nos faz recuar, como os hereges escaldados. Esse medo se agrava quando estamos em ambientes de uso coletivo e qualquer manifestação mais atrevida pode ser rotulada de sobrenatural ou então de ação isolada e individual. Reparando bem, olhando bem de perto, ninguém é absolutamente normal. Mas não queremos correr o risco de sermos taxados de loucos ou perturbados. Sem contar os reacionários, inimigos espontâneos e gratuitos da razão, sempre prontos a defender a tradição que eles mesmos não aprovam ou acreditam.

A escola como espaço de conhecimento ampliou muito a sua natureza neutra, e também através do aumento da diversidade de frequentadores e da pluralidade cultural consequente dessa frequência diversa. Paradoxalmente, esse fator também ampliou a proibição e o tabu, pois o que antes era exclusivo das ideias oficiais, passou a ser de todos e agora é de ninguém, no sentido mais amplo e inibidor, até vergonhoso, de que não pode, não deve, não é sadio, não é viável nem recomendável. Um exemplo disso é a recente tentativa de oficializar o ensino religioso. A ideia partiu do clero educacional católico, preocupado com a expansão protestante,

baseada em estatísticas e também na crença de que o catolicismo é a preferência religiosa da maioria dos brasileiros. É a preferência formal, pelo hábito cartorial de estar vinculado a uma instituição, mas não é a preferência habitual e de fé, pois as mesmas estatísticas mostram outros hábitos e crenças na população brasileira e que não constam no credo católico e protestante. A medida legal foi posta goela abaixo como lei votada no Parlamento, porém quando chegou nas escolas teve o mesmo destino dos decretos e bulas: passou pelo crivo racional e teve que se adaptar ao modelo curricular vigente, ou seja, virou História das Religiões ou tema transversal, simples pretexto para o diálogo inter-religioso. Como este último é do interesse de uma minoria insignificante, a disciplina tornou-se apenas mais uma alternativa de renda financeira através de algumas horas-aula a mais. O ensino religioso já nasceu morto. Já a espiritualidade permanece viva, mas continua proibida aos tímidos, porém não aos atrevidos, pois o ambiente continua transbordando...

Em todas as sociedades humanas encontramos fartos exemplos da cultura espiritualista, geralmente camuflada em forma de mitos e metáforas. Essa tradição sempre foi explorada artisticamente pela literatura infanto-juvenil. Walt Disney levou essa cultura para o cinema, através do desenho animado, e até hoje a empresa que ele fundou mantém essa linha de conteúdos espiritualistas ou de forte reflexão existencial. No Brasil essa abordagem teve a preciosa contribuição do escritor Monteiro Lobato e também de um conhecido discípulo de Disney, o cartunista Maurício de Souza.

Não podemos esquecer um importante aliado cultural, tipicamente brasileiro, a favor da educação para a espiritu-

alidade. Aqui também aconteceu um fenômeno histórico que abriu definitivamente as portas para essa outra dimensão do universo, apesar do *stablishment* repressivo imposto pelo clero católico desde o período colonial, e também a pseudo-proibição “científica” do legalismo educacional. Trata-se da miscigenação racial e da mistura de crenças e costumes ocorridas em mais de 500 anos de história. Desse longo e intenso convívio entre índios, negros e brancos, ainda que pesasse o predomínio político do elemento europeu, resultou no campo da cultura espiritual o sincretismo religioso brasileiro, no qual herdamos do indígena e do africano as crenças mágicas das selvas: o curandeirismo natural e fraterno, as práticas mediáticas¹ e ritualísticas da comunicação com espíritos ancestrais e finalmente, o misticismo simples e sincero do cristianismo praticado em Portugal.

Costumamos exemplificar essa mistura irreversível de costumes no clima do carnaval, em cuja origem imaginamos o encontro “casual” da dança indígena, do lundu dos escravos e de uma procissão católica, formando uma apoteose cultural chamada Brasil. Tirando a irreverência e a falta de compromisso da festa carnavalesca, o que sobra é a espiritualidade primitiva praticada nos terreiros de candomblé – e mais recentemente da umbanda, onde espíritos africanos e indígenas confraternizam para orientar e proteger seus descendentes, credores e devedores, incluindo milhares de almas lusitanas que causaram danos a eles no período da escravidão colonial.

Com a chegada do espiritismo no século XIX, pela moda burguesa das “mesas girantes”² trazidas de Paris por franceses

1 Qualidade da faculdade dos médiuns, permitindo a esses o exercício intermediário entre o espíritos e os homens.

2 O grande escritor francês Victor Hugo e sua amiga George Sand, companheira